



# Um símbolo de inclusão e respeito

A professora Débora Seabra prestigiou a 4ª CaminhaDown, no Parque da Cidade.

## CIDADES.

SÍNDROME DE DOWN

## Preconceito rebatido com educação

Professora alvo de discriminação dá lição sobre respeito em evento no Parque da Cidade

JÉSSICA ANTUNES  
jessica.antunes@grupojbr.com

"É preciso ser guerreira", garante Débora Seabra, primeira professora com síndrome de Down do Brasil. Ela participou da 4ª CaminhaDown no DF, que ontem reuniu 1,3 mil pessoas, segundo os organizadores, no Parque da Cidade. Com ares de celebridade, a docente que recentemente foi alvo de comentários discriminatórios de uma desembargadora carioca foi disputada para tirar fotos e receber abraços e elogios.

Trocar cinco minutos de palavras com a professora foi um desafio. Cercada por admiradores, ela teve dificuldade até de discursar no palco do evento organizado por associações que tratam da síndrome. "Temos que comemorar as conquistas das pessoas com Down. E já foram muitas: direito a estudar em escola regular, de trabalhar, namorar, formar uma família. Mas temos muito caminho pela frente para fazer inclusão com I maiúsculo", disse a mulher de 36 anos.

A professora foi alvo de comentários discriminatórios da desembargadora Marília Castro Neves na semana passada. Em uma postagem feita no Facebook, a magistrada questionou o que professores com Down podem ensinar. A resposta de Débora também veio por redes sociais. Em carta escrita à mão, ela disse que ensina muitas coisas às crianças: "A principal é que sejam educadas, te-

tenham respeito pelas outras, aceitem as diferenças".

Débora se formou pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e atua como professora auxiliar há 13 anos em uma escola particular em Natal (RN). Em 2015, ela foi considerada uma das três personalidades de destaque na educação do País e recebeu o Prêmio Darcy Ribeiro de Educação, menção honrosa concedida pela Comissão de Educação da Câmara dos Deputados.

Margarida Seabra, 74, mãe da professora, também discursou. "Tenho muito orgulho dela porque faz sua própria defesa. Ao longo da vida sofreu preconceito, mas virou o jogo", comemora. Para ela, a fala da desembargadora não feriu apenas Débora: "Discriminou a síndrome. Foi agressão a todos".

## CROMOSSOMO 21

- O Dia Internacional da Síndrome de Down é celebrado em 21 de março. Isso porque se trata de uma alteração genética no cromossomo 21, que deve ser formado por um par, mas neste caso aparece com três exemplares e, portanto, não se trata de uma doença.
- A data é comemorada ao redor do mundo desde 2006, quando foi oficializada pelas Nações Unidas com o objetivo de dar e visibilidade, promover a inclusão e a igualdade. Neste ano, o tema é a contribuição das pessoas com a trissomia para a sociedade e o atendimento à saúde, determinante nas vidas dessas pessoas. No ano passado, a CaminhaDown reuniu mais de 700 pessoas.



FOTOS: MYKE SEN

Caminhada reuniu 1,3 mil pessoas no parque ontem

## Inclusão é o que faz a diferença

Presidente da Associação DF-Down, uma das entidades responsáveis pela caminhada, Cléo Bohn aponta a importância da inclusão no ambiente escolar. "Alunos que convivem com diversidade se tornam profissionais mais preparados na fase adulta", explica.

Funcionária pública de 48 anos, Juliana Soares Santos tem um filho de 13 anos com Down e é uma das organizadoras do evento. De acordo com ela, tem melhorado o discurso da sociedade em relação à síndrome, mas políticas públicas são necessárias. "Há preconceito muito mais por parte dos adultos que das crianças. A grande questão da inclusão é aceitação de todos. Temos também que mudar espaços físicos. Acessibilidade não é só colocar rampas", afirma.

Na Educação, conforme a lei, todas as instituições públicas e privadas devem incluir os estudantes. "Acontece, como aconteceu comigo, de deixar a criança largada. Na escola pública o acolhimento é melhor, mas às vezes ainda muito engessado", considera Juliana.

Júlio Gregório, secretário de Educação, compareceu ao evento. "Nós estamos evoluindo, ainda que com capacidade abaixo do desejado", analisa. Hoje, diz, há alunos com Down trabalhando em bibliotecas.

"TEMOS MUITO CAMINHO PELA FRENTE PARA FAZER INCLUSÃO COM I MAIÚSCULO".

DÉBORA SEABRA, professora

